

Marshall Berman e os sinais que ficam

Marcio Malta*

O primeiro contato que tive com a obra do intelectual marxista Marshall Berman foi na graduação. O curso era Ciências Sociais e na primeira semana de aula, na cadeira de sociologia I, o segundo texto a ser trabalhado era o clássico *Tudo que é sólido desmancha no ar* (Berman, 1986).

Berman tinha alguns diferenciais, além de ser um espécime raro, o de marxista norte-americano, construía uma referência heterodoxa de Karl Marx, não como um economista político, visão mais comum, mas sim como um cânone do modernismo. Talvez o primeiro modernista.

Karl Marx era então apresentado a um calouro ao lado de figuras geralmente pouco associadas ao pensador alemão, como Baudelaire, Goethe, Nietzsche, dentre outros. Sem falar no estilo de redação de Berman, que era caloroso e vertiginoso como o do próprio Marx.

O segundo contato com a obra bermaniana foi sem dúvida mais vital e deixou marcas. Em uma Bienal do Livro, sua publicação *Aventuras no marxismo* (Berman, 2001) estava com um preço convidativo e foi adquirida. Se o clássico *Tudo que é sólido desmancha no ar* já era inovador e impactante, a reunião de ensaios de *Aventuras no marxismo* era ainda mais heterogênea: a começar pela convidativa capa, em um verde quase fluorescente, onde bonecos de Marx bailavam em um convidativo movimento. Para um cartunista – afinal, desde sempre conjuguei as ciências sociais com o humor gráfico – aquilo era paixão à primeira vista.

Alguns elementos da prosa pessoal de Berman falaram fundo. A introdução do livro – intitulada “Pego de roldão no mix: algumas aventuras no marxismo” – é arrebatadora, com a narrativa da inusitada descoberta por Berman dos livros da juventude de Marx – os até hoje pouco discutidos “Manuscritos econômico-filosóficos”, editados pela União Soviética e vendidos por módicos 0,50 centavos de dólar. Soa engraçado como o autor narra a forma com que comprou diversos exemplares para doar em seu círculo familiar e de amizades.

Na mesma introdução, Berman narra a forma como, na sua concepção, seu pai havia morrido de capitalismo, sendo precedido de um infarto, alguns anos antes. Essa referência me serviu para entender também o infarto de meu pai, que mesmo aposentado, ainda trabalhava de forma extenuante, mesmo sexagenário. Quando lhe foi negada a realização de um exame pelo plano de saúde

* Marcio Malta é professor adjunto de Ciência Política da Universidade Federal Fluminense.

e logo em seguida ele veio a óbito, também compreendi que ele morreu do mesmo mal do pai de Berman, ou seja, de capitalismo.

Ainda na introdução, Berman pega emprestada uma definição dos existencialistas franceses, dentre eles Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir, e classifica a sua própria forma de engajamento intelectual como um “humanismo marxista”.

Dos capítulos, muitos em formato de resenhas de livros ou de respostas às críticas, um chamou mais atenção: “Marx: o dançarino e a dança”. Ali Berman explicava o desenho que originou a capa. Narra em detalhes que estava em um metrô e avistou uma menina com uma camisa onde diversas caricaturas de Marx dançavam alegremente. Mas, sem dúvida, a conclusão é o trecho mais instigador, onde é lançada uma frase que atordoia e pode ser vista como um bailado dialético: “Nos recantos profundos do espírito de Marx, podemos alimentar o nosso” (Berman, 2001, p.51).

Outro capítulo também me marcou de forma indelével, “Os sinais da ruas”. O texto passou a servir de referência em diversos trabalhos que fui desenvolvendo ao longo da graduação, sendo citado inclusive na monografia de conclusão de curso sobre a juventude radicalizada dos anos 1960. Virou quase um bordão citado por mim à exaustão e servindo como referencial teórico e prático de primeira hora.

Depois de muitos anos, já no doutorado e praticando a docência em nível superior, outro capítulo entrou para as referências bibliográficas do meu mesmo e fatídico curso de Sociologia I, só que agora com os polos trocados, em que eu, não mais um menino, estava no lugar de professor. Utilizava o capítulo final de *Aventuras no marxismo*, designado com o singelo e quase poético “melodia livre”.

No planejamento, a aula de Berman vinha invariavelmente em seguida à apresentação do *Manifesto Comunista*, de Karl Marx e Friedrich Engels, e precedia a exibição do filme *Adeus Lênin*, uma deliciosa ficção que retrata a queda do muro de Berlim e a chegada do capitalismo na até então fechada para o mundo Alemanha Oriental.

Talvez se algum dos alunos lessem estas palavras, lembrar-se-iam dos acalorados debates que eram promovidos a partir da discussão de Berman. A afirmação dele de que o *Manifesto Comunista* é o segundo livro mais vendido do mundo era discutida de forma passional. Geralmente os discentes se dividiam entre defensores e detratores do marxismo, se revezando em apresentação em cima do tablado em pequenos grupos, após um exaustivo debate ao longo dos 110 minutos reservados à sociologia por semana.

Na segunda semana de setembro de 2013, lá estava eu a planejar mais uma vez um curso, para um novo semestre. Os desafios também estavam renovados. Em nova instituição, a disciplina agora a ser montada era a de “Teoria Política II”, para o curso de Serviço Social, com a ementa dedicada ao marxismo no século XX e o debate acerca da democracia e cidadania.

Pensei em abrir o curso com uma explanação “à la Marshall Berman”, sobre a recepção do *Manifesto Comunista* no século XX – segundo ele, para poucos, somente para os “iniciados” dirigentes dos Partidos Comunistas.

Pois bem, após passar cerca de quatro horas de viagem no deslocamento para ministrar a aula, (re)lendo aquele livrinho de capa verde, no sagrado café que precede uma boa aula, comentei com o chefe de departamento o prazer que seria poder lecionar em um curso que me dava a liberdade de usar e abusar das reflexões de Marshall Berman.

A aula transcorreu de forma agradável, com os poucos alunos que de costume se aventuram em assistir a uma apresentação de plano de curso. Por caminhos que uma oratória segue, acabei por aludir às recentes mortes de alguns marxistas de renome, como o historiador inglês, Eric Hobsbawm e do abnegado tradutor e intérprete de Antônio Gramsci, Carlos Nelson Coutinho. Um aluno, a título de deboche, chegou a cantarolar o refrão “e eu não tô nada bem”, de uma versão gravada nas vozes de Ana Carolina e Seu Jorge.

Ao chegar em casa e ligar o computador, a título de pagar um conta bancária atrasada, recebi a notificação do amigo e chefe departamental, comunicando que Marshall Berman havia falecido, aos 73 anos, na sua cidade de sempre, Nova York.

Escrevi como resposta o que agora reproduzo: a melhor forma de se elogiar um pensador é dando uma aula com os seus pensamentos. Afinal, como sempre digo para os meus queridos alunos, as pessoas passam, ou seja, morrem, as obras ficam. Marshall Berman não morreu de capitalismo, mas sim viveu na tentativa de compreender esse sistema social. Seu legado fica, para que novas gerações se aventurem na seara por ele deixada.

Referências

BERMAN, Marshall. *Aventuras no marxismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

Recebido em outubro de 2013

Aprovado em janeiro de 2014